

40º Encontro Anual da Anpocs

MR15 - O ardil da dominação financeira no Brasil: doxa social e produção de notícias sobre a economia.

Jornalistas da economia e homens das finanças: uma dominação via imperativos profissionais?

Antonio Pedroso

Universidade Federal do Tocantins – PPGDR e PPGCOM

Tomas Undurraga

Departamento de Science and Technology Studies, University College London

Caxambu, MG, outubro de 2016

Introdução.

Nosso objetivo neste texto é explorar as relações entre jornalistas da elite do jornalismo econômico brasileiro (JEB) e “agentes eficientes” (BOURDIEU, 2000) do campo econômico e do campo dos economistas brasileiros, como um dos fatores que levam à produção e à manutenção de uma hierarquia de perspectivas sobre a economia.

Desde o início dos anos 1970 temos no Brasil um amplo desenvolvimento daquela parte dos jornais dedicada à economia: o jornalismo econômico. Desde então temos o desenvolvimento/lançamento de jornais e revistas especializados, cadernos, equipes, etc. junto com mudança e diversificação do conteúdo existente até então. Todos esses aparatos da indústria cultural mais pontualmente dedicada a atividade econômica se desenvolveram e institucionalizaram de modo que, atualmente, o jornalismo econômico é uma prática de produção simbólica integrante da nossa vida econômica: participa das lutas simbólicas que visam dar sentido às atividades, práticas, discursos, etc. da economia.

Mas o conteúdo que é publicado não dá voz e vez a todos os agentes econômicos e a todos os assuntos possíveis. E, o que é mais importante para este texto, não dá voz e vez às diferentes perspectivas sobre a economia. Quer dizer, há uma hierarquia de “princípios cognitivos de visão e divisão de mundo” (BOURDIEU, 1997 e 2000) operacionalizados pelos jornalistas que, assim, selecionam o conteúdo explícito e implícito — manifesto e enquadramento — que são mais ou menos objetivados nos textos do jornalismo econômico dominante. Como se produz essa hierarquia?

Desde pelo menos os anos 1980 temos um processo de expansão, liberdade e sofisticação dos produtos, agentes, empresas e crenças da esfera das finanças que tem dimensão mundial. E, dando suporte a esse processo, temos a predominância da perspectiva e do enquadramento dos acontecimentos da esfera econômica e financeira a partir de crenças e princípios de visão e divisão de mundo chamados de “economia ortodoxa” e/ou “neoliberalismo”, expressões de práticas e princípios como desregulamentação das atividades econômicas, estado mínimo, indivíduo racionalizador e utilitarista, livre concorrência, mercados livres e autorregulados, etc.

Assim, neste contexto e conforme o objetivo deste texto, temos uma hipótese que nos guia: os jornalistas dominantes no JEB têm vínculos — confiança, reciprocidade, dependência e poder — com agentes de uma determinada região do campo econômico e dos economistas brasileiros e esses vínculos explicam, em parte, suas posições no JEB e suas relações com a *doxa* compartilhada por esses agentes: ortodoxia econômica.

Do ponto de vista teórico e metodológico, operacionalizamos a pesquisa a partir de uma perspectiva que trata a mídia a partir da “noção de campo” (BOURDIEU, 1987a e 1997; CHAMPAGNE, 2007). Neste sentido, pensamos o JEB como um “espaço social” (BOURDIEU, 2000), um subcampo do jornalismo, produtor “bens simbólicos” (BOURDIEU, 1987a e 2000) particulares — textos como colunas, editorias, reportagens, comentários, análises — que têm influência sobre a sociedade (BOURDIEU, 1987a; CHAMPAGNE, 2000; DUVAL, 2004; TEMMAR, ANGERMULLER e LEBARON, 2013). Pensamos os jornalistas de economia como criadores individuais numa estrutura social; relações no subcampo JEB e relações com o campo do jornalismo e outros campos sociais. Assim, consideramos que os jornalistas, além de agirem vis-à-vis seus pares — campo do jornalismo e subespaço do JEB —, agem em relação a outros agentes sociais, isto é, atuam fortemente em relação ao “campo dos economistas brasileiros” (LOUREIRO, 1997), ao “campo econômico” (BOURDIEU, 1997) e ao “campo do poder” (BOURDIEU, 1987b, 1989 e 1996).

Para responder à questão da pesquisa, a partir da perspectiva citada, temos que conhecer quais são os trunfos particulares que explicam as posições dos jornalistas que são da elite, que são dominantes no JEB. E temos que conhecer quais são as ligações dos jornalistas de economia com os agentes, instituições, valores, perspectivas, princípios de visão de mundo dos campos econômico e dos economistas brasileiros.

Quais são os trunfos típicos da trajetória dos jornalistas da elite do JEB? Para responder minimamente isso, apresentamos uma análise de correspondências múltiplas (ACM) de dados prosopográficos de dois conjuntos de jornalistas da economia: que são da elite; e que não são da elite, mas são da mesma geração — mesma idade, mesmo momento de formação e inserção profissional. Essa análise procura apresentar dados sobre a estrutura do espaço em que se localiza a elite do JEB, procurando especificar algumas de suas estruturas fundamentais.

Quais são as ligações dos jornalistas de economia com outros campos sociais e com o econômico e o dos economistas em particular? Para responder minimamente a isso, fizemos uma análise de entrevistas com jornalistas dos dois grupos.

A partir da ideia de *illusio* — investimento, encantamento, crença no jogo de um determinado campo devido a sua apreensão a partir das disposições adequadas e próprias daquele campo, adquiridas por experiência prolongada (BOURDIEU, 1997 e 2001; COSTEY, 2005) — exploraremos que, além dos interesses utilitários, há um engajamento

dos jornalistas no trabalho que passa por gosto, encantamento, reconhecimento e crença desconhecida como tal nos princípios e nos jogos constituintes do campo.

Exploramos esse engajamento partindo da noção de furo/ineditismo, algo bem estabelecido no jornalismo contemporâneo e que dinamiza o trabalho dos jornalistas, procurando revelar os tipos que são característicos do JEB e melhor posicionados numa hierarquia. Em seguida, procuramos explorar os meios para se realizar os furos mais importantes; as fontes de informações. Procuramos explorar quais são as fontes do JEB – localização no espaço social – e como os jornalistas se relacionam com elas, a partir das suas posições no espaço do JEB. Em seguida procuramos explorar como os jornalistas da elite formaram suas perspectivas, suas crenças, seus princípios de visão e divisão de mundo sobre a economia. E, por fim, procuramos revelar, dentro do possível, as posições das fontes e demais relações sociais dos jornalistas de economia no campo econômico e no campo dos economistas brasileiros.

Essa análise é orientada pela ideia de que os jornalistas da elite – os mais lidos e repercutidos, os com poder para estabelecer princípios de seleção, de ênfase e de orientação no subcampo JEB – em função dos cuidados e das crenças compartilhadas que mantêm os vínculos com as fontes, mantêm e reavivam a hierarquia das perspectivas e enquadramentos possíveis sobre a vida econômica e financeira da sociedade: observando e publicando, em maior ou menor medida, seletivamente; avaliando e julgando a partir de uns princípios e não de outros; e prescrevendo soluções e remédios.

1 – Características estruturais da elite.

Nosso objetivo é revelar trunfos fundamentais que caracterizam a trajetória dos jornalistas da elite. Para isso, vamos comparar um conjunto desses jornalistas com um conjunto de jornalistas que não são da elite, mas que têm a mesma idade e ingressaram na profissão no mesmo momento.

Tomamos uma definição simples de elite: os que estão no cume das instituições (COMBESSIE, 2001). Objetivamente são os jornalistas de economia que são colunistas, editores-executivos e diretores de redação e edição – os outros atuam como redatores, editores e repórteres especiais. A partir de um banco de dados¹, com informações

¹ Banco de dados formado a partir das entrevistas, questionários e documentos de duas pesquisas. A de Antonio Pedroso – Os jornalistas da economia brasileiros: entre a economia e a política. E a de Tomas Undurraga – Economics in the Public Sphere: UK, US, France, Argentina and Brazil since 1945. Aproveitamos para agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao European Research Council, ao abrigo do European Union's Seventh Framework Programme, pelo incentivo e apoio

prosopográficas de cerca de 120 jornalistas de economia brasileiros², retivemos para a análise 53 deles.

Dentre eles, 30 que têm as características de elite: Affonso Ritter, Bela Hammes, Denise Juliani, Denise Toledo, Fátima Turci, Fernando Castilho, José Kupfer, Milton Gamez, Sérgio Leo, Sonia Racy, Carlos Sardenberg, Celso Ming, Joelmir Beting, Miriam Leitão, Aluizio Maranhão, Angela Bittencourt, Celia Gouvea, Claudia Safatle, Cristiano Romero, Flavia Oliveira, Humberto Saccomandi, Jose Campos, Luis Nassif, Maria Fernandes, Matias Molina, Pedro Cafardo, Raquel Balerin, Suely Caldas, Vera Brandimarte e Vera Durão.

Então, observamos a idade desses jornalistas e selecionamos no banco de dados todos os outros que tinham a mesma idade, mas que não tinham as características de elite, isto é, 23 jornalistas: Arturo Pereira, Cecilia Zioni, Cleide Silva, Cley Scholz, Cynthia Malta, Denise Zandonadi, Eduardo Belo, Eugênio Esber, Eugênio Melloni, Gilberto Leal, Isabel Aguiar, Liliana Lavoratti, Marli Olmos, Nair Suzuki, Nelson Rocco, Vicente Nunes, Victor Paolozzi, Vivaldo Sousa, Vladimir Goitia, Daniela Chiaretti, Denise Neumann, Ivo Ribeiro e Nelson Niero. Enfim, fizemos uma ACM com 53 jornalistas.

Fizemos a comparação de dois modos. Através de uma análise estatística e de uma análise de cunho qualitativo. A seguir, vamos a apresentar a análise estatística; ACM. Essa análise, nos marcos da análise geométrica de dados iniciada por Bénézecri (1992), viabiliza combinar descrição exploratória e relações explicativas (BOURDIEU, 2007; DUVAL, 2004; LEBARON, 2006 e 2009; LE ROUX e ROUANET, 2010). Ela é utilizada recorrentemente pela escola bourdieusiana em função da sua afinidade eletiva com a noção de campo, especialmente a dimensão relacional da realidade social, pois constrói o espaço social projetando as estruturas fundamentais das prosopografias em um plano fatorial (LEBARON, 2009; LE ROUX e ROUANET, 2010). Assim, ela permite explorar essas estruturas ao resumir em alguns eixos as relações estatísticas presentes no conjunto dos dados.

econômico. Gostaríamos também de agradecer fortemente os jornalistas que colaboraram gentilmente em forma de entrevistas, respostas aos questionários e inúmeros outros gestos.

² Obtivemos dados qualitativos e quantitativos de diversas fontes primárias e secundárias: questionários (cerca de 100), entrevistas (cerca de 60) – em alguns casos informações diretas por e-mail ou telefone – jornais, livros com biografias, livros do tipo *who's who*, documentos e verbetes do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), banco de dados da empresa *Maxpress* (Empresa de Serviços de Tecnologia e Informações ou *Maxetron*) e documentos e informações difusas na internet, especialmente sites e arquivos de profissionais, de empresas e de organizações profissionais – páginas pessoais, Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, Portal dos Jornalistas, site Memória Globo, etc. Grande parte dos dados foram coletados por duas pesquisas que já publicaram parte de seus resultados (Pedroso Neto, 2015 e Undurraga, 2016).

Os principais eixos do plano fatorial resultante da ACM são os que concentram as maiores variâncias ou dispersões (LEBARON, 2006 e 2009). Dito por outras palavras, construir o espaço social é definir as distâncias entre “indivíduos estatísticos” a partir de variáveis ativas. As distâncias entre eles refletem as dissimilaridades das suas características; quanto mais diferentes, mais distantes, e vice-versa. Essas distâncias são devidas à interação de todas as variáveis que, em conjunto, indicam a posição dos indivíduos – nuvens de pontos – em um espaço social multidimensional (LEBARON, 2006; LE ROUX e ROUANET, 2010). Há dois tipos de variáveis: as ativas que contribuem para criar as distâncias; e as suplementares que não contribuem, mas são projetadas sobre no espaço criado pelas primeiras e, assim, ajudam nas explicações (LEBARON, 2006; LE ROUX e ROUANET, 2010).

1.a – As variáveis e suas categorias.

O posicionamento dos jornalistas no espaço é devido um conjunto de características sociais, desde a origem familiar até a posição profissional atual, passando pela escolaridade e diversos dados da experiência profissional. Algumas delas foram objetivadas em 23 variáveis com um total de 74 categorias. Dentre elas, 15 variáveis, com 44 categorias, são ativas e 8 variáveis, com 30 categorias, são suplementares, conforme segue.

Variáveis sobre as propriedades sociais dos jornalistas. *Idade em 2015* (ativa), com quatro categorias: 40 a 49 anos (*40-49 Anos*), 50 a 59 anos (*50-59 Anos*), 60 a 69 anos (*60-69 Anos*) e 70 a 79 anos (*70-79 Anos*). *Sexo* (ativa), com duas categorias: masculino (*Masculino*) e feminino (*Feminino*). *Origem ou local de nascimento* (ativa), com três categorias: origem no interior (*Orig Interior*), origem em outras capitais (*Orig Outras Capitais*) e origem em São Paulo (*Orig São Paulo*). *Escolaridade do pai* (ativa), com quatro categorias: primária completa (*EscPai Primária*), fundamental completa (*EscPai Fundamental*), média completa (*EscPai Média*) e superior completa (*EscPai Superior*). *Ocupação do pai* (ativa), com quatro categorias: trabalho manual (*OcPai trab Manual*), trabalho técnico (*OcPai Trab Técnico*), trabalho intelectual (*OcPai Trab Intectual*) e empregador (*OcPai Empregador*).

Variáveis sobre a trajetória escolar dos jornalistas. *Ano de formação superior* (complementar), com cinco categorias: de 1960 a 1969 (*60-69 Fim Curso Sup*), de 1970 a 1979 (*70-79 Fim Curso Sup*), de 1980 a 1989 (*80-89 Fim Curso Sup*), de 1990 a 1999 (*90-*

99 *Fim Curso Sup*) e de 2000 a 2009 (00-09 *Fim Curso Sup*). *Faculdade em que se formou* (ativa), com duas categorias: privada (*Faculdade Privada*) ou pública (*Faculdade Pública*).

Variáveis sobre a trajetória ocupacional dos jornalistas. *Ano em que iniciou no jornalismo* (ativa), com quatro categorias: de 1960 a 1969 (60-69 *Início JO*), de 1970 a 1979 (70-79 *Início JO*), de 1980 a 1989 (80-89 *Início JO*) e de 1990 a 1999 (90-99 *Início JO*). *Meio em que iniciou no jornalismo* (complementar), com sete categorias: *Jornais e revistas generalistas e pequenos*³ (*MIJO Jor Rev Gen Peq*), como A Gazeta Esportiva, Diário Popular, Jornal da Tarde, Diário da Grande ABC, O Paraná, Jornal Passo a Passo, Jornal do Povo, Jornal do Commercio (Recife, PE), jornais sindicais, outros, e, também, Revista Rua Grande, Direção, Fatos & Fotos e revistas técnicas e outras; *Jornais e revistas generalistas médios* (*MIJO Jor Rev Gen Med*) como Correio Brasiliense e A Tribuna; *Jornais e revista generalistas grandes* (*MIJO Jor Rev Gen Gra*) como Zero Hora; *Jornais e revistas generalistas nacionais* (*MIJO Jor Rev Gen Nac*) como O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil (até anos 1980) e revista Veja; *Jornais e revistas especializados em economia* (*MIJO Jor Rev Esp*) como A Gazeta, Diário Comércio e Indústria, Jornal do Commercio (Rio de Janeiro, RJ), Gazeta Mercantil e Globo Rural; *Televisão e rádio* (*MIJO TV Rad*) como TV Gaúcha e Rádio Jornal do Brasil; e *Agências de notícias* (*MIJO Age Not*) como Agência Telenotícia da Revista Visão e outras. *Ano em que iniciou no jornalismo econômico* (complementar), tem cinco categorias: de 1960 a 1969 (60-69 *Início JE*), de 1970 a 1979 (70-79 *Início JE*), de 1980 a 1989 (80-89 *Início JE*), de 1990 a 1999 (90-99 *Início JE*) e de 2000 a 2009 (00-09 *Início JE*). *Meio em que iniciou no jornalismo econômico* (ativa), com cinco categorias: *Jornais e revistas generalistas e pequenos* (*MIJE Jor Rev Gen Peq*) como Jornal da Tarde e Diário da Grande ABC; *Jornais e revistas generalistas grandes* (*MIJE Jor Rev Gen Gra*) como Correio do Povo e Zero Hora; *Jornais e revistas generalistas nacionais* (*MIJE Jor Rev Gen Nac*) como O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil (até anos 1980) e revistas Veja e Isto É; *Jornais e revistas especializados em economia* (*MIJE Jor Rev Esp*) como A Gazeta, Diário Comércio e Indústria, Jornal do Commercio (Rio de Janeiro, RJ), Gazeta Mercantil, Valor Econômico e revistas Exame, Globo Rural e outras; e *Agências de notícias* (*MIJE Age Not*) como Agência Brasil/Radiobrás, Agência Telenotícia da Revista Visão e outras. *Função inicial no jornalismo econômico* (ativa), tem duas

³ Os jornais e revistas foram agrupados em função da dimensão das tiragens diárias, do número de jornalistas trabalhando na editoria de economia e da amplitude de sua circulação – nacional, regional e local.

categorias: editor ou redator (*FIJE Editor Redator*); repórter ou *freelance* (*FIJE Rep ou Freela*). *Função atual no jornalismo econômico* (ativa), com três categorias: colunista, diretor executivo, de redação e de edição (*FAJE Colun Dir Exc*); editor, redator e repórter especial (*FAJE Ed Red Rep Esp*); e repórter e *freelance* (*FAJE Rep ou Freela*). *Cidade em que trabalha* (ativa), com três categorias: Brasília (*Trab Brasília*); São Paulo (*Trab São Paulo*) e outras (*Trab Outras Cidades*). *Passagens pelo Estado* (complementar), com três categorias: não sabemos (*Não Sabemos*); governo federal (*Cargo Gov Federal*); e governo regional (*Cargo Gov Regional*). *Passagem pelo exterior* (complementar), com três categorias: não sabemos (*Não Sabemos*); para estudo (*Estudo Exterior*); e para trabalho (*Trabalho Exterior*). *Passagem pelos veículos dominantes* (ativa), com três categorias: não sabemos (*Não Sabemos*), sim (*Sim - Véic Domi*) e não (*Não - Véic Domi*) – O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil (até anos 1980) e Valor Econômico. *Passagem pelos veículos Gazeta Mercantil e Valor Econômico* (ativa), com três categorias: não sabemos (*Não Sabemos*); sim, passou por pelo menos dois deles (*Sim - GM VE*); e não, não passou por pelo menos dois deles (*Não - GM VE*). *Passagem pelo rádio e/ou televisão* (complementar), com três categorias: não sabemos (*Não Sabemos*); sim, passou por pelo menos um dos dois (*Sim - TV Rádio*); não, passou por nenhum dos dois (*Não - TV Rádio*). *Trabalhou em pelo menos duas das grandes cidades do jornalismo*, (complementar) – São Paulo, SP, Rio de Janeiro, RJ, e Brasília, Df – com três categorias: não sabemos (*Não Sabemos*); sim, trabalhou em pelo menos duas (*Sim - SP DF RJ*); não, não trabalhou em pelo menos duas (*Não - SP DF RJ*).

Variáveis sobre reconhecimento social ou notoriedade. *Prêmios recebidos durante a carreira* (ativa), com duas categorias: sim (*Recebeu Prêmio*) e não (*Não Recebeu Prêmio*). *Livros publicados* (ativa), com duas categorias: sim (*Publicou Livro*) e não (*Não Publicou Livro*).

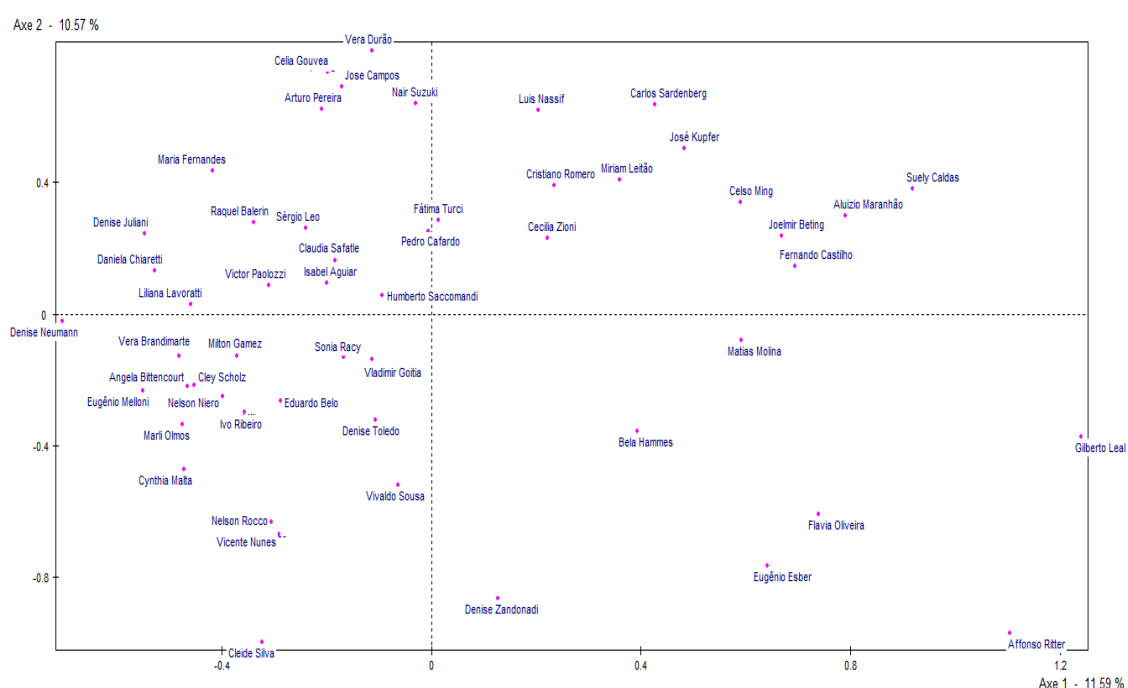
E, por fim, uma variável sobre a posição na elite ou na não elite. *Pertence a elite ou a não elite* (complementar), com duas categorias: elite (*Sim Elite*) e não elite (*Não Elite – Ger*).

1.b – Os eixos fatoriais.

Fizemos uma ACM com o *software* SPAD (Coheris Analytics Spad). Conforme os preceitos da análise geométrica de dados (LE ROUX e ROUANET, 2010; LE ROUX e LEBARON, 2015), explicitamos que a ACM apresentou 12 eixos após os “valores

próprios” da “correção de Benzecri”, mas retivemos para a análise somente os dois primeiros, com “taxa modificada acumulada” de 63,19% – 35,79% do primeiro e 27,40% do segundo. E usamos o “método de contribuições” para separar as categorias que foram analisadas, isto é, retivemos para análise somente aquelas que contribuíram com o eixo e que têm contribuição com a inércia geral acima da média; $100/44 = 2,3$ (BONNET, LEBARON e LE ROUX, 2015: 104).

O espaço dos jornalistas da elite e da não elite.



Os dois eixos separam os jornalistas em função da idade e outros atributos sociais. Para fins explanatórios, vamos dizer que cada uma das faixas etárias é uma geração (não é no sentido sociológico). Há quatro faixas geracionais: mais nova de 40 a 49 anos; intermediária mais nova de 50 a 59; intermediária mais velha de 60 a 69; e mais velha de 70 a 79. E, correlata a elas, há outras características sociais que diferenciam os jornalistas.

1.c – Gerações, inserção e trajetória profissional.

Ao todo, treze categorias contribuem com a formação do primeiro eixo. Delas, 6 caracterizam os que estão do lado esquerdo: *Trab São Paulo*; *50-59 Anos*; *MIJE Jor Rev Esp*; *80-89 Inicio JO*; *Sim - GM VE*; *Não Recebeu Prêmio*. E sete caracterizam os que estão

do lado direito: *Trab Outras Cidades; Orig Outras Capitais; 70-79 Anos; MIJE Jor Rev Gen Gra; 60-69 Início JO; Não - GM VE; Não - Véic Domi*.

O primeiro eixo separa os da geração intermediária mais nova das outras mais velhas. Estão do lado esquerdo a maior parte dos jornalistas da geração intermediária mais nova (85,7%) – e metade da geração mais nova. E estão do lado direito do eixo a maior parte dos jornalistas da geração mais velha (87,5%) – e também da geração intermediária mais velha (53,9%).

Também contribui para a formação do primeiro eixo a origem geográfica dos jornalistas (*Orig Outras Capitais*) e o local atual de trabalho (*Trab São Paulo* e *Trab outras cidades*). Quanto à origem geográfica, os mais velhos tendem a ter origem em outras capitais estaduais como Rio de Janeiro (RJ), João Pessoa (PB), Porto Alegre (RS), Recife (PE) e Belém (PA), além de capitais de outros países como Madrid (Espanha): a proporção dos que têm origem em outras capitais é maior entre os mais velhos (37,5%) do que entre os intermediários mais novos (3,6%). E os intermediários mais novos tendem a ter origem dispersa entre São Paulo e cidades do interior, dado que nenhuma dessas categorias têm contribuição com variância da nuvem, mas estão do lado esquerdo.

Quanto ao local de trabalho, os mais velhos tendem a trabalhar também em outras cidades: a proporção dos que trabalham em outras cidades é um pouco maior entre os mais velhos (37,5%), do que entre os intermediários mais novos (10,7%). E os intermediários mais novos tendem a trabalhar em São Paulo, dado que a proporção dos que trabalham em São Paulo é um pouco maior entre eles (78,6%), do que entre os mais velhos (62,5%). Em síntese, podemos notar que o local de trabalho dos jornalistas de economia é São Paulo, especialmente para os mais novos, e que os mais velhos, além de São Paulo, têm presença dispersa em outras cidades como Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE) e Porto Alegre (RS).

As trajetórias profissionais dos jornalistas também contribuem com a formação do primeiro eixo, e estão expressas em categorias ativas como: o momento em que iniciaram no jornalismo (*60-69 Início JO* ou *80-89 início JO*); meio em que iniciaram no jornalismo econômico (*MIJE Jor Rev Gen Gra* ou *MIJE Jor Rev Esp*); fato de terem ou não terem trabalhado nos principais jornais especializados em economia (*Não-GM VE*) e nos veículos dominantes (*Não - Véic Domi*); terem ou não recebido prêmios (*Não Recebeu Prêmio*).

Os mais velhos, tendencialmente, iniciaram no jornalismo nos anos 1960 e os intermediários mais novos nos anos 1980. A proporção dos que iniciaram nos anos 1960 é maior entre os mais velhos (75%) do que entre os intermediários mais novos (0%). De

modo inverso, a proporção dos que iniciaram nos anos 1980 é maior entre os intermediários mais novos (82,1%) do que entre os mais velhos (0%). O momento de início no JEB, dado de algumas categorias ilustrativas (*60-69 Início JE*, *70-79 Início JE*, *80-89 Início JE*), corresponde a essa tendência. A proporção dos que iniciaram no JEB nos anos 1960 (50%) e 1970 (50%) é maior entre os mais velhos do que entre os intermediários mais novos, 0% e 84,3%, respectivamente. E a proporção dos que iniciaram nos anos 1980 é maior entre os intermediários mais novos (75%) do que entre os mais velhos (7,7%).

Tendencialmente, os mais velhos iniciaram no JEB em meios mais generalistas e os intermediários mais novos em meios mais especializados. Por um lado, a proporção dos que iniciaram no JEB em jornais e revistas generalistas grandes é maior entre os mais velhos (25%) do que entre os intermediários mais novos (3,6%) – ídem quando se trata de jornais e revistas generalistas nacionais, 37,5% e 14,3%, respectivamente. O início no jornalismo – de modo geral, anterior ao início no jornalismo de economia –, um dado de categorias ilustrativas (*MIJO Jor Rev Gen Nac*, *MIJO Jor Rev Esp*), corresponde a essa tendência. A proporção dos que iniciaram no jornalismo em jornais e revistas generalistas nacionais é maior entre os mais velhos (50%) do que entre os intermediários mais novos (14,3%). Por outro lado, e de modo inverso, a proporção dos que iniciaram no JEB em jornais e revistas especializados é maior entre os intermediários mais novos (64,3%) do que entre os mais velhos (0%). Considerando uma categoria ilustrativa correspondente (*MIJO Jor Rev Esp*), a tendência fica corroborada, pois a proporção dos que iniciaram no jornalismo em jornais e revistas especializados é maior entre os intermediários mais novos (32,1%) do que entre os mais velhos (0%).

E, durante a carreira, tendencialmente os intermediários mais novos tiveram maior circulação pelos jornais especializados mais importantes, *Gazeta Mercantil* e *Valor Econômico*, do que os mais velhos: a proporção dos que circularam por esses jornais é maior entre os intermediários mais novos (57,1%) do que entre os mais velhos (37,5%). E os mais velhos foram mais agraciados com uma premiação. Ainda que a diferença seja pequena, a proporção dos que receberam algum prêmio é maior entre os mais velhos (75%) do que entre os intermediários mais novos (67,9%).

Em conclusão, o primeiro eixo revela uma forte divisão no espaço, a partir de princípios como idade, local de origem geográfica e de trabalho, modo de inserção profissional, circulação pelos veículos dominantes e especializados e, em menor proporção, acesso às premiações.

1.d – Gerações, origem social e trajetórias escolar e profissional.

Ao todo, quatorze categorias contribuem com a formação do segundo eixo. Delas, seis caracterizam os que estão do lado superior: *Sim - Véc Domi; 60-69 Anos; OcPai Trab Intectual; Faculdade Publica; MIJE Jor Rev Gen Nac; MIJE Age Not*. E oito caracterizam os que estão do lado inferior: *Não-Véc Domi; 50-59 Anos; EscPai Primária; OcPai Trab Manual; Faculdade Privada; MIJE Jor Rev Gen Gra; MIJE Jor Rev Gen Peq; 80-89 Inicio JO*.

O segundo eixo também separa os jornalistas por gerações, mas, no caso, os intermediários mais novos, na casa dos 50 anos (*50-59 anos*), dos intermediários mais velhos, na casa dos 60 anos (*60-69 anos*). Estão do lado inferior a maior parte dos jornalistas da geração intermediária mais nova (75%) – e a menor parte dos mais novos 25%. Ao contrário, estão na parte superior os intermediários mais velhos (100%) – e a maior parte dos mais velhos 62,5%. Correlata a essa separação estão outras características que contribuíram com a formação do eixo e que expressam diferenças.

A origem social é uma delas. Os intermediários mais novos tendem a ter origem social mais modesta (*EscPai Primária, OcPai Trab Manual, Faculdade Privada*) do que os intermediários mais velhos (*OcPai Trab Intectual, Faculdade Publica*). De um lado, a proporção dos que têm pai com escolaridade primária (25%), têm pai com ocupação manual (21,4%) e cursaram faculdade particular (64,3%) é maior entre os intermediários mais novos, em comparação com os intermediários mais velhos, 7,7%, 7,7% e 15,4%, respectivamente. De outro lado, a proporção dos que têm pai em trabalho intelectual (69,2%) e dos que cursaram faculdade publica (84,6%) é maior entre os intermediários mais velhos, em comparação com os intermediários mais novos, 32,1% e 35,7%, respectivamente.

A trajetória profissional também contribui com a diferenciação ao longo do eixo. Conforme as categorias ativas, ela separa os intermediários mais velhos (*MIJE Jor Rev Gen Nac, MIJE Age Not e Sim - Véc Domi*) dos intermediários mais novos (*80-89 Inicio JO, MIJE Jor Rev Gen Peq, MIJE Jor Rev Gen Gra e Não - Véc Domi*). Algumas categorias ilustrativas são correspondentes, apontam na mesma direção (*MIJO Jor Rev Gen Nac, MIJO Jor Rev Gen Peq, MIJO TV Rad* versus *MIJO Jor Rev Esp, 80-89 Inicio JE e 70-79 Inicio JE*).

De um lado, as categorias ativas indicam que, tendencialmente, intermediários mais velhos iniciaram no jornalismo de modo disperso entre os anos 1960 e 1970 – nenhuma categoria contribuiu acima da média –, iniciaram no JEB em veículos generalistas maiores e em agências de notícias e, durante a carreira, passaram pelo conjunto dos veículos dominantes. E as categorias ilustrativas indicam que, tendencialmente, iniciaram no jornalismo em jornais e revistas generalistas nacionais, em agências de notícias e iniciaram no JEB nos anos 1970. Isto é, a proporção dos que iniciaram no JEB em jornais e revistas generalistas nacionais (69,2%), em agências de notícias (7,7%) e que passaram pelos veículos dominantes (100%) é maior entre os intermediários mais velhos, do que entre os intermediários mais novos, 17,9%, 0% e 78,6%, respectivamente. E a proporção dos que iniciaram no jornalismo em jornais e revistas generalistas nacionais (38,5%) e iniciaram no JEB nos anos 1970 (84,6%) também é maior entre os intermediários mais velhos do que entre os intermediários mais novos, 14,3% e 3,6%, respectivamente.

De outro lado, as categorias ativas indicam que, tendencialmente, os intermediários mais novos iniciaram no jornalismo nos anos 1980, iniciaram no JEB em veículos generalistas menores e grandes e, durante a carreira, não passaram completamente pelos veículos dominantes. E as categorias ilustrativas indicam as mesmas direções. A proporção dos que iniciaram no jornalismo nos anos 1980 (82,1%), iniciaram no JEB em jornais e revista generalista pequenos e grandes (17,9%) e que não passaram pelos veículos dominantes (21,4%) é maior entre intermediários mais novos, do que entre os intermediários mais velhos, 0%, 0% e 0%, respectivamente. E a proporção dos que iniciaram no jornalismo em jornais e revistas generalistas menores (46,4%) e especializados (32,1 %) e iniciaram no JEB nos anos 1980 (75%) é maior entre os intermediários mais novos do que entre os mais velhos, 38,5%, 0% e 7,7%.

Em síntese, temos uma segunda divisão no espaço a partir de princípios como idade, origem social e trajetórias escolar e profissional. Os mais velhos têm origem social mais elevada, passaram pelas universidades públicas, iniciaram no jornalismo nos anos 1960 e 1970, iniciaram no JEB em agências de notícias ou veículos generalistas maiores, e durante sua trajetória atuaram em todos eles. E os mais novos tem origem social mais modesta, estudaram em faculdades privadas, iniciaram no jornalismo nos anos 1980, iniciaram no JEB em jornais generalistas menores e grandes e, durante a carreira, não passaram por todos os grandes jornais generalistas, os dominantes.

Vamos considerar dois tipos básicos de diferenças entre os dois conjuntos de jornalistas. As indicadas pelas categorias ativas e, em apoio, as que são apontadas pelas categorias ilustrativas.

Primeiro, é fundamental a diferença geracional que se pode constatar a partir de todos os indicadores de tempo disponíveis, seja nas categorias ativas (*60-69 Anos* versus *50-59 Anos*; *60-69 Início Jorn* versus *80-89 Início Jorn*), seja nas ilustrativas relacionadas a elas (*60-69 início JE*, *70-79 início JE* versus *80-89 início JE*; *60-69 Fim Curso Sup*, *70-79 Fim Curso Sup* versus *80-89 Fim Curso Sup*): idade, tendo a elite acima de 60 anos versus a não elite que tem idade menor que 60 anos; início no jornalismo, tendo a elite iniciado nos anos 1960 versus a não elite que iniciou nos anos 1980; início no jornalismo econômico, tendo a elite iniciado nos anos 1960 e 1970 versus a não elite nos anos 1980; ano de formação superior, tendo a elite se formado nos anos 1960 e 1970 versus a não elite nos anos 1980.

Segundo, é a formação superior. A elite cursou universidades públicas (*Faculdade Pública*), como USP, UFRJ, UNB e a não elite cursou universidades privadas (*Faculdade Privada*) tais como Universidade Metodista, Faculdade Anhembí Morumbi, Unisinos, Cásper Líbero, Instituto Metodista de Ensino Superior, Universidade Gama Filho, PUC/SP. Este é um indicador importante de que os membros da não elite têm uma origem social mais modesta do que os da elite.

Terceiro, é que a elite, tendencialmente, iniciou na profissão de jornalista e na especialização em jornalistas de economia em meios generalistas maiores e em agências de notícias. E a não elite iniciou em meios generalistas menores e em meios especializados, como revelam as categorias ativas (*MIJE Jor Rev Gen Nac*, *MIJE Age Not* versus *MIJE Jor Rev Gen Peq*, *MIJE Jor Rev Esp*) e as complementares a elas associadas (*MIJO Jor Rev Gen Nac*, *MIJO Jor Rev Gen Peq*, *MIJO Jor Rev Gen Med*, *MIJO TV Rad* versus *MIJO Jor Rev Gen Peq*, *MIJO Jor Rev Esp*). E a elite não necessariamente passou por todos os veículos dominantes (*Não - Véic Domi*).

A partir de categorias suplementares relativas à relação como os meios maiores e de maior audiência, ou difusão, podemos considerar que os da elite se diferenciam também porque tiveram acesso e fizeram suas carreiras no rádio e na televisão. Duas dessas categorias indicam que eles começaram em rádio e televisão (*MIJO TV Rad*) e durante a carreira atuaram e atuam em rádio e televisão (*Sim - TV Rádio*). Ao passo que, inversamente, outra categoria dos não elite (*Não - TV Rádio*) indica que eles não atuaram

em rádio e televisão. O mais provável é que não passaram por rádio e televisão do mesmo modo que a elite, pois se não temos a negação desta questão temos a ausência de informações – por isso é categoria complementar – que, dado que suas biografias são públicas e que tal dado é importante, prestigia o jornalista, é quase uma prova de não terem passado mesmo.

Em conclusão, considerando a análise dos dois eixos do espaço e do contraste entre elite e não elite, temos alguns dados gerais fundamentais. Primeiro, existem diferenças geracionais entre elite e não elite, tanto no que tange a idade como ao momento de ingresso na atividade de jornalista, passando pelo momento formação escolar. Segundo, a elite tem origem social mais elevada e a não elite tem origem mais modesta, seja pela escolaridade e ocupação dos pais, seja pelo tipo de faculdade que os jornalistas cursaram. O terceiro dado fundamental é a sobre o início e a trajetória nos meios – jornal, revista, agência de notícias, rádio e televisão. Há uma diferenciação, elite e não elite, relacionada à característica e à dimensão dos meios em que iniciou a carreira e dos meios em que atuou durante a carreira, a partir de pares de princípios opostos: jornais generalistas versus jornais especialistas; maiores jornais versus menores jornais; maior acesso a audiência versus menor acesso à audiência; maior audiência e reconhecimento externo versus maior prestígio e reconhecimento interno (os jornais *Gazeta Mercantil* e *Valor Econômico*).

Analisamos também as diferenças internas a elite, ou seja, entre os jornalistas da elite dos quadrantes superiores. Resultou que há pouca diferença etária entre eles e que, além de confirmar os pares de princípios supracitados, ficou clara uma divisão nos da elite em função dos princípios maior audiência e reconhecimento externo versus maior prestígio e reconhecimento interno; os que são mais velhos, quadrante superior direito, fizeram carreira e estão nos grandes veículos generalistas nacionais e ainda no rádio e na televisão, enquanto os que são um pouco mais novos, quadrante superior esquerdo, fizeram carreira e estão nos veículos especializados. É preciso explicitar que esses meios mais especializados são fundamentalmente o jornal *Gazeta Mercantil* e *Valor Econômico*, ambos amplamente reconhecidos pelos JEB – inclusive os atuantes nos três grandes jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo* – como os que encaram os princípios de excelência do JEB.

[L. Nassif] A referência é um trabalho continuado. Você tem jornalistas que surgiram aí e, em alguns desses planos, tiveram destaque e depois não tiveram continuidade. E o mercado é muito restrito. Então, se você está ancorado numa grande publicação, você tem espaço. Quando você perde essa âncora, você tem de achar outro espaço. Por exemplo, no período

em que eu larguei a *Folha*, eu tinha a *TV Gazeta* e a *Rádio Bandeirantes*. Aquilo lá me garantia um espaço grande (LENE, 2013: 115-116).

O exemplo de senso prático do jornalista Luis Nassif, supracitado, é ilustrativo da força, em alguma medida maior, do princípio de especialização em economia, mas com maior audiência e reconhecimento externo versus especialização em economia com maior prestígio e reconhecimento interno.

2 – A dinâmica dos jornalistas de economia: mexer com o mercado e ter relações com economistas, dirigentes e empresários do mundo das finanças.

Vamos começar tratando de algo que é amplamente compartilhado pelos agentes do espaço: a noção de furo e a de que, atualmente, o predominante é o de assuntos relacionados às finanças – informações, agentes, instituições, processos. A noção de furo, de exclusividade, de ser o primeiro a publicar sobre um assunto é um móvel importante das ações dos jornalistas, como já foi registrado pela literatura (BOURDIEU, 1997b; SCHUDSON, 1995; NEVEU, 2006; DUVAL, 2004) e como redonda no conjunto das entrevistas. Os agentes da elite reconhecem espontaneamente – sem perguntarmos – que, dar um furo, os realiza profissionalmente: “exclusividade”, “dar a notícia de primeira mão”, “conseguir a capa”, “primeira página”, “manchete”, etc. Esse princípio é uma variante principal da noção mais geral de ter audiência, “ter leitores”, “ser a coluna mais lida”, “coluna mais divulgada inclusive por jornais concorrentes”, “ser a terceira coluna mais lida no impresso”.

Essa é uma das dimensões da *illusio*. O jornalista se sente realizado, ele é reconhecido pelos pares, pelas fontes, pelas possíveis fontes, etc.

Porque coisa melhor de um jornalista é ter um furo na mão. É uma sensação maravilhosa, de uma adrenalina, de uma coisa. Quando uma empresa vai comprar a outra, que tem bilhões envolvido. Essas matérias do jornalismo econômico que vai mexer com o mercado, eu fiz milhares de matérias. [O que você mais gosta do trabalho do jornalismo econômico?] É o furo. É dar o furo; uma coisa que ninguém deu, que ninguém sabe, que vai mexer, principalmente, com esse mercado que eu odeio, que vai mexer com todo mundo. [...] O dia que eu dei essa manchete do jornal, eu recebi ligações do mundo inteiro. De pessoal de analista de mercado. Do mundo inteiro (Elite – Ex-Gazeta Mercantil e Ex-Valor Econômico).

Que tipo de furo é dominante, salvo os extraordinários? Outro princípio estabelecido e operante no espaço do JEB – dinamiza, instiga a atividade do jornalista – é a noção de “mexer com o mercado”.

A literatura nos indica que nos anos 1970 e 1980, no JEB, a realização dessa dimensão da *illusio*, em parte, era devida a ter boas relações com os ministros do planejamento e da fazenda dos governos militares – “caderno de endereços de autoridades”, segundo L. Nassif (LENE, 2013: 115) – em parte também era devida a ter textos ou colunas de grande audiência – mais lidas – no corpo dos jornais (CALDAS, 2003; LENE, 2013; PULITI, 2009).

Nos dias atuais temos fortes indicadores de que um dos princípios fundamentais que hierarquiza os textos e os autores, levando-os às manchetes, é a ideia geral de “mexer com o mercado”, ou seja, produzir matérias mais relacionadas a atividades financeiras de modo geral: das empresas, do governo, do banco central, da bolsa de valores, etc. Espontaneamente, tanto jornalistas da elite como da não elite reconhecem isso, explicitamente com o exemplo acima, ou tacitamente como no abaixo.

Não faço nada de economia formal. Dificilmente, a não ser quando estou em coberturas fora ou coisas muito quentes eu escrevo Pro [Valor Pro]. O que eu acho interessante não imediatamente mexe com os mercados. Vai mexer no futuro, mas não imediatamente (Não elite – Valor Econômico).

Quando observamos as entrevistas temos casos recorrentes de reconhecimento espontâneo de que ao conseguir algum feito importante – entrevista, informação exclusiva, inédita – o jornalista comemora, relata como uma grande realização e relata que chamou a atenção, estabeleceu uma relação, com os agentes dos mercados.

[L. Nassif] A cobertura continua seguindo o ‘efeito manada’. Ocorre quando você tem temas complexos, e o jornalista não quer correr risco [...]. O pauteiro pela manhã faz a pauta, passa para o repórter que está em começo de carreira [...]. Ele sai e vai buscar as mesmas fontes que vêm com as mesmas análises. Esse ‘efeito manada’, na medida em que o Brasil foi se sofisticando, se tornou mais forte ainda. Nos anos 1990, você tinha uma economia sofisticada. Antes, você cobria como? Tinha setorista na Fiesp, um na Febraban, um no Ministério da Fazenda, um no Banco Central. O país se sofisticou tremendamente, mas o modo de produção continua o mesmo. E você tem o advento dessa financeirização da economia e isso muda bastante coisa e você passa a ter o ‘efeito manada’ de forma total (LENE, 2013: 433).

Enfim, este elã dirige e impulsiona as atividades e, em função do modo como é reconhecido, afirmamos que é o predominante, mas não é o único. A crítica a este direcionamento das atividades dos jornalistas de economia, presente no espaço da elite, é crítica e reconhecimento e, não por acaso, vem de agentes que não estão mais nos grandes veículos.

2.a – As fontes dos jornalistas de economia.

Procurando revelar como se consegue os furos, exploramos o que é reconhecido como sua principal origem; as fontes de informação. De modo geral, temos três pontos típicos de relações dos jornalistas com suas fontes. Aquelas que vamos chamar de mais frias e de menos prestígio; contatos para checar, conferir, apurar, informações, obter explicações e esclarecimentos de fontes de menos prestígio e de assessorias de imprensa. As fontes impessoais; estatísticas, agências de informações financeiras. E aquelas mais quentes e de mais prestígio; contatos que permitem buscar, cavar, garimpar uma informação exclusiva, de bastidor, uma pista, uma entrevista.

As fontes mais frias e impessoais são mais relatadas pelos não elite, mas não exclusivamente. Quando relatam relações com fontes, não nomeiam diretamente as pessoas, mas simplesmente dizem minhas fontes, uma fonte de empresa, uma fonte de mercado, relatam e-mail e telefonema, algo menos tête-à-tête e mais frio, mas pulverizado e/ou ligado a colegas do “outro lado”, isto é, ex-jornalistas que foram trabalhar como assessores de imprensa.

Eu vejo basicamente dois caminhos: tem gente que tem muita fonte, que tem fontes dentro. Para você cobrir bem empresas, você tem que ter fonte em banco. Banco e advogado. Eles que falam mais, dão mais com a língua nos dentes para tirar furo. São as duas fontes de furo. As empresas... Empresário geralmente é muito mais contido. [...] É, então você tem uma fonte na empresa que é um cara que você consegue lidar e ele te dá uma posição, mas você tem que ter vinte, trinta anos de profissão. (Não elite – Valor Econômico)

Hoje em dia, então, a gente fala com as fontes que nos dão informações e busca complementar aí com esses consultores, com analistas e com algum especialista, algum estudioso das áreas. [...] Tem o lado das assessorias, só para completar, que ficam querendo empurrar um monte de coisas para cima da gente. Empurrar notas, empurrar notícias que não tem informação e seria mais *marketing* para empresa do que notícia mesmo. E essas assessorias é um assédio constante, desgastante; mandam *releases*, ficam telefonando, sugerem almoços, sugerem encontros com executivos e, geralmente, esse pessoal não tem notícia. É só mesmo para poder emplacar a empresa, colocar a empresa [...] Tem as assessorias que dificultam o trabalho, tentam barrar informação. Ainda tem muita assessoria que tenta principalmente quando a informação é polemica para a empresa e as assessorias, em geral, tentam fazer com que você não dê a reportagem te oferecendo compensações. [...] Tipo assim: “não, se você não der isso nós vamos depois te dar uma exclusiva com o presidente para falar quando tiver outro negócio” (Não elite – Valor Econômico).

Por outro lado, os da elite, quando relatam sobre elas, se referem às dificuldades dos iniciantes que ainda não acumularam ligações profissionais de confiança com boas fontes. Não relatam sobre eles, mas sobre os outros.

Em relação às fontes impessoais, um dado fundamental é a imposição das agências de informações financeiras on-line como o serviço Broadcast da Agência Estado (AE) e as

semelhantes como Bloomberg, Economática, Reuter e Valor Pro e empresas de consultoria de informações financeiras.

Em 2006, os sócios propuseram do criar um sevcio de notícias em tempo real. Quem participa desse mercado: Agencia Estado – do Estado de SP. Eles tinham um serviço chamado Broadcast desde os anos 1990. [...] Valor acha que pode entrar nesse mercado. [...] A gente tinha Blumberg, a Blumberg tirou. Diz que agora somos concorrentes. Tiraram, romperam, tiraram o terminal deles daqui. Para a gente era fundamental porque ali a gente não pegava noticia deles, a gente tem até um acordo de publicação de notícias dele, como tem com a [...], com a [...], mas a gente usava o mesmo terminal, mas eles [...], porque se tem notícia tem terminal, terminal banco de dados, tiraram, tá bem complicado pra gente. (Elite – Valor Econômico).

E a Bloomberg também cortou. Então a gente criou um problema porque a gente não tem isso ainda. A Bloomberg é um exagero porque nós nunca vamos competir com eles. Agora a gente ainda não tem o que a Economática tem. [...] Sem a Bloomberg, sem Economática e dependendo de um produto que ainda não foi desenvolvido plenamente [...] É uma ferramenta como tem a Economática que consegue mais amigavelmente possível te dar informações com estabilidade. Você sabe que pode confiar naquilo. E o cara precisa disso, ele quer saber: “quero saber como está o dólar agora, a bolsa”. Então são coisas que nem isso a gente tem conseguido fazer (Não elite – Valor Econômico).

Quanto às agências de informações financeiras, trata-se de instituições criadas desde fins dos anos 1980 que auxiliam os jornalistas com dados e informações. Outra fonte de informações são as empresas de consultorias

Eu acho que a gente teve uma mudança muito grande de fonte de informação. 15, 20 anos atrás, você ainda tinha a academia como uma grande fonte de informação. Só que o tempo em que a academia funciona e o tempo em que o jornalismo econômico passou a funcionar também muito em função dessa rotina de tempo real, de site e dessa informação mais rápida. São tempos em que você passou a ter uma necessidade de gerar informação muito mais rápido do que o tempo que a academia de processar. Essa coisa da rapidez com que a informação passou a girar, fez com que você cada vez mais passasse a usar fontes do mercado, do mercado financeiro mesmo ou mesmo de consultorias que não são ligadas aos bancos, mas que vendem informação, que vendem a análise econômica como parte do seu negócio. E aí eles, sim, estão olhando esses dados e produzindo informação com uma rapidez muito grande. Então, essas fontes estão disponíveis para você. Então eu acho essa uma grande mudança. E o impacto dessa mudança é que você acaba tendo a visão econômica do mercado e a visão econômica mesmo dessas consultorias que ela acaba... Você está procurando eles e eles têm a sua visão sobre tudo isso e essa visão acaba contaminando a própria leitura no jornalismo econômico” (Não elite – Valor Econômico).

Não pudemos analisar mais detalhadamente as relações dos jornalistas com essas fontes de informação. Pelo que pudemos depreender, elas são acessíveis a todos de uma editoria. O que ficou um pouco saliente nas entrevistas é que os da elite conseguem usar o acesso a essas informações ao mesmo tempo que publicam suas matérias nos mesmos meios e, com isso, conseguem obter repostas ou contatos de agentes importantes do campo econômico e do governo. Mas, enfim, essa prática precisa ser melhor explorada.

As fontes de prestígio, as ligações quentes. Quando a elite relata um furo ou algum feito importante que “dá uma capa”, ela relata relações com fontes que nomeia e que são pessoas de prestígio porque passaram por governos, são proprietárias-sócias de empresas, consultorias, bancos, instituições do espaço da finança.

Por exemplo, Edmar Bastos eu conhecia muito antes, era meu amigo. Tivemos um acordo seguinte: enquanto você estiver no governo não somos mais amigos. Você é fonte de informação e eu sou jornalista porque eu não quero que amigo me peça as coisas e diga: “[jornalista], você pode publicar isso”. [...] Quando o Arminio Fraga me liga e me diz que quer me dar uma entrevista é que ele tem confiança no meu trabalho. E eu tenho confiança nele como fonte de informação, mas é uma entrevista, porque eu pergunto e ele responde. E eu pergunto coisas que ele não gostaria de responder. [...] Vou te dar um exemplo. Na véspera da eleição do FHC, que era o segundo mandato, um diretor do banco central, Francisco Lopes, me deu uma entrevista [...]. Quando eu cheguei ele disse assim: “[jornalista] deixa eu botar as minhas ideias em ordem, faz uma coisa você é técnica de entrevistas”. Eu disse: “faz uma coisa, vai falando”. Porque quando ele fala isso, “colocando minhas ideias em ordem”, ele quer falar alguma coisa. Eu disse: “vai falando e eu vou gravando, não vou perguntar nada, as perguntas eu vou fazer depois, vou anotar e faço depois”. Essa criatura que desancou, desancou. Com o Malan estavam no auge negociando o acordo com o FMI, o ministro da fazenda e o presidente do banco central, estavam lá negociando acordo com o FMI [...] Quando ele acabou de falar, eu falei: “eu tenho uma manchete no jornal na mão”. E aí perguntei pra ele, uma coisa que para mim interessa ao leitor: “o déficit público estava alto, então o que o governo faria para, o que você está planejando para diminuir o déficit”? Ele virou pra mim e disse assim; “só aumentar os impostos”. Então, é contra os interesses do governo, mas quem estava falando isso é o diretor do banco central, a partir de uma pergunta minha, evidente. Então, o leitor quer saber, havia desconfiança que o governo poderia aumentar os impostos. Então eu fiz a pergunta, é isso. Do ponto de vista de leitor, não interessa para o leitor que os impostos estejam aumentados **{Mas uma pergunta, [jornalista], quem é o leitor?}** A população. Aliás, quem é o leitor? [...] Você tem razão quando você diz quem é esse leitor? Esse leitor é o mercado financeiro, é a indústria, são os industriais, são os economistas, são os sindicatos de trabalhadores, são os sindicatos patronais (Elite – O Estado de São Paulo).

A prática dessas relações não só é do âmbito das relações individuais de cada jornalista, mas também é institucionalizada por um jornal.

O imediato para mim é a manchete dessa manhã do jornal, é a Petrobras. [...] Veio aqui tomar um café da manhã com a gente o segundo homem do Ministério da Fazenda, que já saiu da Fazenda. Era o segundo homem do Mantega, o [...]. Ele veio na semana passada tomar um café com a diretoria, eu estava junto, eu participo desses cafés. Ele já saiu do governo, mas é um consultor importante e ele falou em off, não deu entrevista. Mas ele falou várias coisas importantes. Falou sobre o superávit primário, sobre nossa questão fiscal, que é gravíssima. No meio disso tudo, nós perguntamos para ele por que o Brasil não cresce, o Brasil não cresceu nada em 2013. Ele virou para nós e disse o seguinte: “o Brasil não cresceu nada por vários motivos, mas também não cresceu porque a Petrobras e a Vale tiveram problemas”. Aí todo mundo falou: “A Petrobras teve problema porque não reajustou os combustíveis, é verdade?” Ele falou: “a Vale teve problema porque no mundo, no setor mineral, que é onde a Vale trabalha, quatro presidentes das quatro maiores empresas minerais do mundo foram trocados”. [...] Pois bem. Sentei com o [jornalista], conversei um pouco com ele e falei: “a Petrobras não reajustou e o [...] falou que ela é 10% dos investimentos do país. E como ela não reajustou os combustíveis, ela não investiu. Isso foi um problema. Aí veio a menina que está em Brasil agora, a Catherine, conversou com a repórter dela; um se juntou com o outro, todo mundo se juntou, usaram repórteres para trabalhar e eles fizeram duas páginas de Petrobras na editoria de Brasil. Saiu na manchete de hoje. O que é a manchete de hoje? É uma matéria que ninguém tem na imprensa

brasileira hoje. É um retrato da maior empresa do Brasil, que é uma das maiores do mundo, que é a Petrobras. A matéria hoje, não é uma matéria sobre petróleo, é sobre a economia brasileira. É o seguinte: está dizendo resumidamente para o leitor que o governo brasileiro, para cuidar da inflação e deixá-la menor, não reajustou os combustíveis. Ao não reajustá-los, ele impediu que a economia brasileira crescesse. [...] Em um parágrafo você contou a história da manchete. Eu estava acompanhando essa matéria a ser confeccionada. Eu te confesso que eu fiquei felicíssima quando eu fui embora na sexta-feira. Eu tive vontade de chorar quando eu ao ver a matéria (Elite – Valor Econômico).

Quando observamos as instituições listadas pelos da elite, os entrevistados, as entrevistas recordadas, os economistas admirados – “brilhantes”, “gênios” e/ou “grandes mestres” –, observamos uma relação estreita dos jornalistas de economia da elite com agentes de uma região de interseção entre o campo dos economistas e o campo econômico brasileiros que poderemos chamar de espaço dos especializados em finanças e na perspectiva *mainstream* da economia. Provisoriamente, vamos chamar de espaço das finanças esse espaço de interseção que, em maior ou menor medida, ocorre entre essas duas regiões.

Os citados têm algumas características de formação acadêmica e de carreira que são semelhantes, são compartilhadas, em maior ou menor medida: primeiro, no campo acadêmico, têm ligações com a PUC-RJ e FGV-RJ como professores e pesquisadores; segundo, na trajetória profissional, passaram pelo campo burocrático, pelo governo federal em secretarias, ministérios, diretorias, banco central, etc.; e, finalmente, continuando a trajetória profissional, migraram para o campo econômico como consultores, banqueiros, administradores de fundos, proprietários e sócios, mas também presidentes, diretores e analistas, de bancos, empresas de consultoria – monitoramento, análises, projeções, fusões, etc. econômicas, financeiras, políticas, jurídicas – e empresas de investimentos. Puliti (2009) fez um apanhado das três fases da trajetória desses agentes e um entrevistado relata eles e elas espontaneamente quando instado a falar sobre suas fontes.

Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda e Unibanco; Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio-fundador da Tendências Consultoria Integrada; Gustavo Loyola, ex-presidente do BC e sócio-fundador da Tendências Consultoria Integrada; Marcos Lisboa, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda e Unibanco; Armínio Fraga, ex-presidente do BC, era do mercado financeiro antes de assumir o cargo e quando saiu foi dirigir a Gávea Investimento; Gustavo Franco, ex-presidente do BC e sócio-fundador da Rio Bravo; Carlos Kawall, ex-diretor do BC, também era do mercado financeiro e tornou-se sócio de Gustavo Franco na Rio Bravo; Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do BC e Mauá Investimentos; Ilan Goldfajn, ex-diretor do BC e Ciano Investimento; Sérgio Werlang, ex-diretor do BC e Itaú; Alexandre Schwartzman, ex-diretor do BC, era do mercado, foi para o BC e depois analista-chefe do ABN Amro/Santander; Eduardo Loyo, ex-diretor do BC e UBS/Pacutal; Joel Bogdanski, ex-BC e Itaú; Marcelo Kfoury, ex-BC e Citibank; Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do BC e Projeta Consultoria; Affonso Celso Pastore, ex-BC e consultoria A. C. Pastore; Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-

ministro das Comunicações e dono da empresa de investimentos Quest; José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de Política Econômica e dono da consultoria MB Associados; Sérgio Goldenstein, ex-BC e ARX Capital Management; Beny Parnes, ex-BC e BBDM; Henrique Meirelles, presidente do Banco Central desde 2003, foi presidente do BankBoston (PULITI, 2009: 69-70).

Eu converso semanalmente com vários economistas, inclusive com aqueles com quem não concordo [relata que alguns com quem “almoça”, “recebem no jornal” ou simplesmente “conversa”]: Jose Francisco Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Factor; Mario Mezquita, ex-diretor do Banco central e presidente de um banco do investimento; Mario Torós, ex-diretor do Banco central; Rodrigo Azevedo, com Toral são sócios de uma empresa de investimento; Fabio Giambiagi do BNDES; Sergio Lucena, pesquisador da FGV e sócio de MSM empresa de consultoria “renomada” que “coordena centro de Estudos Monetarios”, primero “think tank”, [...]; Arnold Swartzer#, articulista do Valor e Folha São Paulo, foi diretor de BC; Monica Devaul, da Galante, uma empresa do Rio; Converso com André Lara Rezende, Percio Arida, Eduardo Azevedo. Armínio Fraga. [...] Converso com economistas do governo como Roland, desenvolvimentista. Converso muito com Alexandre Tombini, atual presidente do Banco Central. Luciano Coutinho, presidente de BNDS, desenvolvimentista. Ambos vêm manhã. (Elite – Valor Econômico).

Temos aqui um conjunto de empresas financeiras e agentes sociais que, em grande medida, atuam em uma determinada região do “campo econômico” (BOURDIEU, 1997) que podemos chamar de região das finanças. E, do mesmo modo, atuam em uma região do campo dos economistas brasileiros que já foi caracterizada como o polo dos monetaristas e ortodoxos, ou da economia *mainstream* (LOUREIRO, 1997).

Outro traço das ligações da elite com suas fontes é que dão um salto institucional; de ter fonte para ter/ser fonte. Isto é, passam a ser fonte de informações, relacionamento e consulta para ministros e ex-ministros de estado, diretores e ex-diretores do banco central, além do próprio presidente, economistas e diretores de instituições financeiras – corretoras, bancos, etc. Isso é um diferencial que mantém e fortalece a ligação com os agentes do espaço finanças. Isso melhora as chances de ter distinção, “um convite para um café da manhã”, uma oferta de entrevista, um furo, uma entrevista exclusiva, etc. Em grande medida, os jornalistas entram em uma relação de reciprocidade com agentes do espaço da finança.

Nós temos contatos diferentes. Eu não tenho contato no Banco Central para isso. Mas, por exemplo, os economistas dos bancos têm reuniões frequentes com o governo. Eles tiveram na sexta-feira, têm hoje. O tempo todo eles estão com o governo. Por exemplo, há dez dias um economista da [...] que fica em Nova York, brasileiro, mas está em Nova York há muitos anos, ligou na minha casa de manhã, em um sábado de manhã, estava no Brasil, tinha vindo na sexta-feira de noite de Brasília. Ele estava aqui em São Paulo e falou: “Olha estou aqui, você não quer tomar um café comigo de manhã?” Eu falei: “Vou tomar banho e vou.” Aí ele me contou tudo o que tinha acontecido na reunião que ele foi no Banco Central e no Ministério da Fazenda. Eu, inclusive, fiz uma matéria com ele. Ele até podia falar, falou muita coisa que ele não podia me falar em off. Ele me deu várias declarações em on. Mas eles contam absolutamente tudo. Então depende do grau de confiança que eles têm em você, tem muitas coisas que eu sei aos pedaços, mas eu também relato. Como eles

relatam pedaços, nós conseguimos fechar as pontas. E nós chegamos a um quadro. E este quadro normalmente é escrito, nós o escrevemos e aí o governo se manifesta. Vem um diretor e liga para mim: “Você escreveu uma coisa, mas não é bem assim, [jornalista]. Está falando uma coisa. Isso eu contei, mas isso não é explicação.” Aí a gente reescreve com a outra explicação. Na verdade é como se fosse um lego (Elite – Valor Econômico).

Tem uma troca. Eu sou muito demandado. Eu e [jornalista] que é a nossa diretora em Brasília. Como a gente acompanha muito de perto o governo. E eu um pouco o mercado e a mesa digital com esse projeto do Valor Pro. Eles demandam muito da gente. Eu não sou procurado pelos economistas para dizerem esta é minha agenda. Eles procuram para ver para onde vai o governo. “O que você acha que o Tombini vai fazer na próxima reunião do COPOM. Você acha que a Dilma vai fazer intervenção na economia?” [...] Então, os economistas não me chamam para instalar sua agenda, mais para saber os bastidores. Eles querem saber um pouco mais do que está nos jornais. A gente sabe algumas coisas que não publica no jornal (Elite – Valor Econômico).

Devemos ter em conta que há relações diferenciadas que, em grande medida, os jornalistas da elite estabelecem com os economistas. De modo recorrente, há o uso diferenciado das etiquetas profissionais em relação a eles. Por um lado, nas entrevistas não se faz relatos negativos à pessoa ou à formação acadêmica e se mobiliza princípios profissionais para explicar as relações, tais como ter estabelecido uma relação de confiança, respeito. Em relação aos economistas do polo *mainstream* do campo dos economistas, essas etiquetas estão presentes. Mas são deixadas de lado quando se referem àqueles do polo oposto; os “economistas da Unicamp” – Instituto de Economia da Unicamp.

Há uma ligação forte da elite do JEB com agentes do espaço finanças. A manutenção dessas relações tem implicações para o conteúdo, as pautas dos jornais. Elas são expressas e vividas como tensões entre o dever profissional e a ética profissional em manter integridade da pessoa, a credibilidade do jornalista e do jornal. Na prática, elas são vividas com uma deferência dos jornalistas aos agentes do espaço finanças e isso fica visível quando se compara o modo como usam a etiqueta.

No Brasil, as estruturas do campo dos economistas se atualizaram e firmaram a partir dos anos 1970 com a renovação e modernização dos cursos de economia — currículo, origem social dos alunos e professores —, formação da pós-graduação, aumento do número de alunos nos dois níveis, formação no exterior de jovens professores, especialmente nos EUA, criação de periódicos acadêmicos, aumento expressivo do número de artigos publicados e ascensão dos economistas — muitos professores desses cursos formados no exterior — aos postos de elite no Estado (LOUREIRO, 1997: 61-70).

O estado do campo dos economistas brasileiros, estabelecido a partir dos anos 1970, reforçou a polarização existente no estado anterior; cepalinos estruturalistas heterodoxos versus autodidatas monetaristas ortodoxos. Atualmente, a polarização se revela a partir de um conjunto de pares de opostos que estruturam as lutas e diferenciações internas: PUC-RJ e EPGE/FGV-RJ versus UFRJ e Instituto de Economia da Unicamp (FEA/USP e FGV-SP no meio); modelização matemática e econometria versus abordagem histórica, institucional, social e política dos processos; internacionalização versus menos internacionalização; modelo de ciência *hard* nos moldes das ciências exatas versus modelo de ciência *soft* nos moldes de domínio de obras e autores clássicas; uso de literatura predominante em inglês versus uso predominante em português; textos de referência mais novos versus textos mais antigos; Revista Brasileira de Economia e revista Pesquisa e Planejamento Econômico versus Revista de Economia Política (revista Estudos Econômicos da FEA/USP é mista); estratégias de carreira junto ao FMI, Banco Mundial, consultorias, bancos privados versus universidades públicas, agências governamentais, empresas públicas (LOUREIRO, 1997: 70-84).

Figuras públicas como empresários, ex-ministros, economistas são citados recorrentemente nas entrevistas com os da elite, como vimos acima. Eles aparecem como boas fontes – entrevista que dá uma capa – pessoas admiráveis – economistas brilhantes, gênios. Quando observamos essas figuras públicas vemos que elas são da região FGV-RJ e PUC-RIO do campo dos economistas. Em relação a elas são mobilizados princípios do mundo profissional que, conforme argumentam, resultam em respeito e confiança; representante do leitor, ética, respeito, etc.

Mas há uma diferença na forma de se referir aos ex-ministros, economistas, ideias, ideologias, representações, saberes do outro polo do campo dos economistas brasileiros. Em relação a esses agentes e representações as críticas e avaliações negativas são explicitadas.

E coloca o Mantega, que é um merda. Ele é um zero à esquerda. Ninguém respeita o Mantega. Ele não tem presença nem tem cabedal intelectual. Então, ele é mandado por Dilma [e continua...] Derivou para o Plano Real, quando veio uma cabeça keynesiana, com pessoas muito capazes, Pécio Arida, André Lara Resende, também havia o Edmar Bacha. Ali eu passei a compreender: é isso mesmo, você tem de abrir o país, tem que haver um choque de competição (Elite – O Globo).

Então isso, seria bom o seguinte, avaliar a qualidade de uma análise feita pela Unicamp, pela PUC, pela FGV, pela UFRJ, pelos economistas que preferem as 4, avaliar a qualidade da análise econômica feita por esses economistas. [Qual é sua impressão aí?] Eu não conheço muito bem a impressão de quem eles chamam de campineiros. Campineiros é o pessoal de Campinas, mas alguns deles são... muito ideológicos, voltados para um passado.

Eu também fui partidária, fui presa, meu marido foi preso porque éramos ligados ao socialismo, mas o que era o socialismo? [...] Então, mas alguns de campinas não são todos. [...] É diferente porque eu acho que a análise mais inteligente deve ser do pessoal da PUC (Elite – O Estado de São Paulo).

Novamente temos em conta que o espaço da elite não é monolítico, pois há posições dissonantes. A crítica dos jornalistas dissonantes, ou as disputas entre os próprios jornalistas, revelam não só a diferença entre eles, mas também a o reconhecimento da importância dos agentes do espaço finanças.

[Luis Nassif] Desde o início, André Lara Resende era defensor intransigente da remonetização com poupança externa. Na gestão de FHC na Fazenda, André concordou em completar o processo de renegociação da dívida externa. Ali, ampliou contatos com banqueiros internacionais. Com a rede de contatos externos ampliada por sua posição de negociador da dívida, saiu do governo para operar no mercado. Mas continuou tendo participação ativa nas formulações econômicas, em um caso flagrante de *insider information*. Aliás, era mais do que o *insider*. Era o economista com dupla militância, ajudando a definir as regras do Real e, depois, operando no mercado em cima dessas mesmas regras (LENE, 2013: 432).

Temos várias formas de ligação dos jornalistas com as fontes ou com os agentes do espaço finanças. Elas implicam em vínculos de confiança e reciprocidade. Podemos pensar em um leque dos possíveis que ocorrem de fato: de um lado, as relações que contribuem para a construção da notícia no dia a dia, as matérias mais rotineiras, para as quais são mobilizados os contatos mais frios, de menos prestígio e impessoais; de outro lado, as relações que contribuem para construção de matérias mais destacadas – colunas, entrevistas, “manchetes”, “capas” – para as quais são mobilizados os contatos mais quentes, de mais prestígio. São essas matérias que, em maior medida, realizam o *illusio* da profissão, que permitem estabelecer e reestabelecer posições centrais no subcampo do jornalismo econômico, com poder de agendar temas e enquadramentos, de consagrar princípios de excelência, de admiração, de reconhecimento.

A manutenção dessas relações tem implicações para o conteúdo e as pautas dos jornais. Elas são expressas e vividas como tensões entre o dever e a ética profissional em manter a integridade da pessoa, a credibilidade do jornalista e do jornal. Devemos considerar que, em função da necessidade dessa teia de relações, os jornalistas têm relações de modos necessários com os agentes e representações do espaço finanças. Com ela se mantém o acesso a fontes privilegiadas e, assim, os benefícios resultantes, dentre os quais o de se realizar dimensões da *illusio* singular do espaço do JEB. Mas não é só isso. Devemos considerar também que apresentação espontânea dessa postura ética e

profissional esconde uma submissão à *doxa* do espaço finanças. A invocação da postura ética e profissional é uma forma de “denegação” (BOURDIEU, 2007) da submissão a uma teia de ligações necessárias. E, também, há uma adesão implícita ou explícita a essa *doxa*, por conta da formação dos jornalistas em economia. Vamos explorar a seguir.

2.b - Formação autodidata e sob ascendência da região FGV/PUC-RJ.

Ao explorarmos a entrada e a formação dos jornalistas na especialidade economia encontramos relações no processo de aprendizagem que indicam certa ascendência dos agentes do espaço finanças sobre eles. Os jornalistas, de modo geral, não aprenderam economia no curso superior em jornalismo e começaram no jornalismo econômico mais por acaso do que por formação específica, como é recorrente nas entrevistas.

Comecei em 1970, no Jornal do Brasil, [...] e, não é que eu quisesse ser jornalista econômico. Fui designado para Editoria da Economia, gostei e me quedei lá. [...] Então, eu me formei, e foi uma coisa muito boa, lendo muitos relatórios de Bancos Centrais e discussões, etc. (Elite – O Globo).

Eles aprenderam economia nas ações práticas como jornalistas: nas redações – Gazeta Mercantil foi a “grande escola” –, nas entrevistas com economistas, com “grandes economistas”, com diretores e especialistas de bancos, com ministros, nas pesquisas por dados e informações, nas assessorias de imprensa de instituições, etc., e, mais recentemente, em especializações universitárias quando já atuam como jornalistas. Isso é recorrente no conjunto das entrevistas e já foi registrado pela literatura (ABREU, 2003; ABREU e ROCHA, 2006; LENE, 2013; RESENDE, 2005; PULITI, 2009; RIBEIRO e PASCHOAL, 2005).

Duas formas são mais recorrentes entre os entrevistados da elite, e não são entre os não elite: além da “grande escola gazeta mercantil” relatam o aprendizado nos órgãos governamentais do espaço das finanças; e com agentes do espaço finanças.

A primeira forma é relatada por jornalistas de economia da elite que foram assessores de imprensa em secretarias, ministérios e bancos governamentais:

[Carlos A. Sardenberg] [Como o senhor começou no jornalismo?] Não foi bem por acaso. Foi por uma circunstância política. Estava estudando na faculdade, fazia curso de direito e filosofia. [...] E teve aqueles acontecimentos de 68/69. O AI-5 em 1968. A ditadura ficou mais forte. [...] Para resumir eu não podia ir mais na faculdade. O resultado foi que não pude pegar meu diploma de filosofia e também não podia dar aula no cursinho, então fiquei sem emprego e sem carreira. Foi nesse momento que um amigo do meu pai que era jornalista na "Veja" [revista], falou: "estão precisando de gente no Estadão". Daí eu fui pro "Estadão". [...] Eu comecei no jornalismo econômico depois de 1985, quando saí do governo. Por acaso fui trabalhar na Secretaria da Fazenda no Ministério do Planejamento,

e aí eu desenvolvi esse conhecimento em economia. Eu tinha de escrever os documentos do Ministério da Fazenda e do Ministério do Planejamento sobre reforma econômica. Quando chegou mais ou menos 1982, o MDB [PMDB] ganhou a eleição para governador em todo o país. [...] Começou dentro das oposições um debate muito grande sobre políticas econômicas. [...] Acabei me envolvendo com um grupo que ficava em torno da Secretaria da Fazenda, João Saiad [ministro do Planejamento na gestão de José Sarney] e vários outros economistas. Um dos meus papéis era redigir os textos. Era difícil porque tinha de falar de inflação inercial, correção monetária, reforma monetária, troca de moeda, apresentar isso para Ulisses Guimarães, Fernando Henrique⁴ (C. Sardenberg – Elite).

Veja só, na crise de 2008, quando eu estava no Banco Central, foi um aprendizado fenomenal. Olha o desafio: O Lehman quebra. O Brasil estava no seu melhor momento. [...] Aí quebra aquele banco. Aí você tem toda a imprensa brasileira para explicar o que era uma crise que você não estava vivendo. Aí você tem que estudar aquela crise. Aí nós estudamos a crise com os diretores do banco, que são grandes economistas. Todos estudaram fora do país, todo mundo é doutor. Aí estudamos a crise para contar o que estava acontecendo lá. [...] Você tinha que fazer operações para poder explicar como você solucionaria uma questão. Eram coisas tão complexas, são operações muito complexas de socorro, de tirar dinheiro de reserva, de fazer leilão de dólar. São coisas que o Brasil não fazia. O Brasil nem tinha reserva antigamente, hoje em dia o Brasil constituiu grandes reservas. E você manusear aquilo, fazer aquilo. [...] A Coordenadoria Geral do banco me deu a missão de fazer os dossiês das intervenções de todos os Bancos Centrais do mundo. [...] Nós éramos uma assessoria de doze pessoas, mas tinha o núcleo do presidente. [...] Um deles depois, não sei se você conheceu o [jornalista], ele é nosso colega aqui, ele é colunista. [...] Ele foi o primeiro assessor. Ele foi assessor do Meireles, eu saí do banco e ele ainda continuou (Elite – Valor Econômico).

Na segunda forma, relatam que recorreram aos agentes do espaço finanças, como o exemplo emblemático da jornalista Mirian Leitão:

[entrevistadora perguntou] Você fez algum curso, alguma especialização em economia? [jornalista respondeu] Nunca fiz nenhum curso, mas a quantidade de economistas que entrevistei, pedindo ‘me explica isso, me explica aquilo’, equivale a um curso. Passei horas com os principais economistas do Rio, conversando sobre os mais diversos temas. Quando achava o que eu não entendia ia estourar, perguntava: ‘como é isso?’ Por exemplo, quando a inflação começou a subir cheguei na PUC e perguntei: ‘quem entende de hiperinflação aqui?’ Disseram: ‘Gustavo Franco’. Estacionei no Gustavo Franco: ‘me explica, como foi a inflação alemã, a húngara, como é a lógica da hiperinflação, como se sai da inflação?’ Quando assumi como editora de economia do JB [Jornal do Brasil], o editor executivo do jornal, Flávio Pinheiro, achou, por bons motivos, que eu precisava saber mais sobre economia – e não apenas eu. Fez então um contrato com dois brilhantes economistas da PUC, Rogério Werneck e Dionísio Dias Carneiro, para eles almoçarem comigo uma vez por semana para tirar as nossas dúvidas e nos alertar sobre novos fatos. Foram reuniões magníficas, nas quais aprendi muito (ABREU e ROCHA, 2004: 86).

E, novamente, os relatos nas entrevistas indicam fortemente que temos algumas situações típicas que remetem ao momento dos planos econômicos dos anos 1980 e 1990, desde o Plano Cruzado (1986) até o Plano Real (1994). Os jornalistas da elite destacam que tiveram que estudar e que foi o “grande teste para os editores”.

⁴ Trabalhou também na área econômica do Governo do Estado de São Paulo, na gestão de André Franco Montoro (1916-1999), de 1983 a 1987.

Mais surgiu a possibilidade de trabalhar na Agencia Brasil, que foi parte de EBC – Empresa oficial do Noticias. Em 1990 eu cobria cidades. [...] Surgiu a possibilidade de cobrir temas nacionais e a economia. Eu fiz uns testes e passei. Naquele momento o Brasil vivia uma instabilidades absoluta na economia. Em 1990 assumiu o primer presidente eleito: Collor de Melo. Acabava de lançar o plano Collor, que foi terrível, confiscou os depósitos das pessoas. Então, eu entre justamente ali. E o ministério da Fazenda era uma cosa muita intensa. [...] O plano Collor rapidamente fracassou e logo foi lançado o plano Collor 2, que também fracassou rapidamente. E começou a preparar o que logo foi o plano real. [...] Quando a economia foi se normalizando, especialmente a partir do plano real em 1994, as equipes foram diminuindo. [...]. Eu saí da Agencia Brasil e foi a trabalhar a Jornal do Brasil. [...] Foi o grande jornal do país entre 1960 e 1980. [...] Ali eu consolidei uma carreira de repórter econômico. Eu cobri completamente toda a formulação do plano real (Elite – Valor Econômico).

Enfim, foram nessas trajetórias que perpassaram o espaço finanças que se formaram ou reconverteram disposições sobre a economia. Dois aspectos se depreendem. Enquanto redundam referencias de socialização com a economia, com os agentes, instituições e processos típicos do espaço finanças, não aparecem referências ao polo oposto do campo dos economistas. Outro aspecto é que as implicações nas chances da carreira se devem ao domínio prático dos saberes e princípios de visão e divisão de mundo e às relações que, além de prestigiosas, dão uma espécie de salto institucional. É típico de suas trajetórias a ascensão imediata na carreira.

Algumas conclusões

Algumas conclusões são que os jornalistas que se mantêm na carreira e na especialização têm alguns incentivos e passam por alguns constrangimentos rumo às posições de elite. Estruturalmente, os dados são que têm que partir para os grandes jornais generalistas e para o rádio e a televisão, além de aproveitar o capital simbólico acumulado, e o acesso ao grande público consumidor, e reconverter na produção de outros bens simbólicos como livros e, principalmente, palestras. Ou pode partir para os jornais especializados, ou melhor, nos dias atuais, para o jornal Valor Econômico. Enfim, em qualquer uma das direções, o mercado é bastante restrito.

Se, há algum tempo, tinha que ter contatos e fontes no governo federal, as indicações são que, atualmente, têm que ampliar o leque para os agentes, instituições e produtos do espaço finanças e, especialmente, em relação aos agentes que circularam e circulam pelo governo e pelas instituições do espaço finanças. Nesta trajetória, nos tempos atuais, têm que ter algum tipo de especialização em finanças e demais princípios visão e divisão de mundo relativos a economia *mainstream*.

Isso quer dizer que os jornalistas de economia da elite têm fortes incentivos para realizar o *illusio* profissional quando têm relações ou compartilham princípios de visão de mundo sobre a economia que são os mesmos dos agentes dominantes no mundo econômico.

Uma das consequências disso é que, esses agentes dominantes, também elites em seus respectivos campos, conseguem espaços nobres para voz e visibilidade na imprensa de economia – colunistas, fontes, opiniões legítimas, entrevistas, etc. – e, em grande medida, implícita ou explicitamente, são tratados com deferência – “brilhantes”, simpáticos versus ultrapassados, ideológicos, etc. – em forma de respeito e ética profissional. A relação tem elementos de tensão, contradição, mas não deixa de ser assimétrica e reproduzir a posição dos dominantes no mundo econômico para que exista e perpetue a *illusio* dos dominantes no mundo do JEB.

Enfim, algumas pontas da elite do JEB se ligam fortemente com as elites do espaço finanças. A manutenção dessa rede de ligações e a realização da *illusio* pressupõem um conjunto de crenças compartilhadas – acima das divergências corriqueiras – uma *doxa* sobre o funcionamento da economia.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática. In: ABREU, A. A.; LATTMAN-WELTMAN, F.; KORNIS, M. A. **Mídia e Política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ABREU, A. A.; ROCHA, D. **Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BENZECRI, J. P. **Correspondence analysis handbook**. New York: Marcel Dekker, 1992.
- BONNET, P. LEBARON, F. LE ROUX, B. *L'espace culturel français*. In: Lebaron, F. Le Roux, B. **La méthodologie de Pierre Bourdieu en action : espace culturel, espace social et analyse des données**. Paris: Dunod, 2015.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, P. Campo do poder, campo intelectual e habitus de *classe*. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987b.
- BOURDIEU, P. *L'emprise du journalisme*. **ARSS**. nº 101, 1994.

- BOURDIEU, P. *Le champ économique*. ARSS, nº 119, 1997.
- BOURDIEU, P. **Les structures sociales de l'économie**. Paris: Seuil, 2000.
- BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. O mercado dos bens simbólicos. In: **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987a.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.
- BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CALDAS, S. 2003. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CHAMPAGNE, P. *L'étude des médias et l'apport de la notion de champ*. In: PINTO, É. **Pour une analyse critique des médias: le débat public en danger**. Paris: Éditions du Croquant, 2007.
- CHAMPAGNE, P. *Le journalisme à l'économie*. ARSS, nº 131-132, 2000.
- COMBESSIE, J-C. **La méthode em sociologie**. Paris: La Decouverte, 2001.
- COSTEY, P. *L'illusio chez Pierre Bourdieu. Les (més)usages d'une notion et son application au cas des universitaires*. **Revue Tracés**, n. 8, 2005.
- DUVAL, J. **Critique de la raison journalistique**. Paris: Le Seuil, 2004.
- LE ROUX, B. LEBARON, F. *Idées-clefs de l'analyse géométrique des donnés*. In: Lebaron, F. Le Roux, B. **La méthodologie de Pierre Bourdieu en action: espace culturel, espace social et analyse des données**. Paris: Dunod, 2015.
- LE ROUX, B. ROUANET, H. **Multiple correspondence analysis**. London: Sage, 2010.
- LEBARON, F. How Bourdieu “quantified” Bourdieu: the geometric modelling of data. In: ROBSON, K. SANDERS, C. (Orgs.). **Quantifying theory: Pierre Bourdieu**. Toronto: Springer, 2009.
- LEBARON, F. **L'enquête quantitative en sciences sociales**. Paris: Dunod, 2006.
- LENE, H. **O jornalismo de economia no Brasil**. Cruz das Almas, BA: Editora UFRB, 2013.
- LOUREIRO, M. R. **Os economistas no governo: gestão econômica e democracia**, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PEDROSO NETO, A. J. *O espaço dos jornalistas da economia brasileiros gerações, origem social e dinâmica profissional*. **Revista Pós Ciências Sociais**, UFMA, v. 12., 2015.

PULITI, P. **A financeirização do noticiário econômico no Brasil 1989 – 2002**. Tese de Doutorado. Escola de comunicações e artes, USP, 2009.

QUINTÃO, A-S. F. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

RESENDE, J. V. **Construtores do jornalismo econômico: da cotação do boi ao congelamento dos preços**. São Paulo: Ícone, 2005.

RIBEIRO, E. PASCHOAL, E. **Jornalistas brasileiros: quem é quem no jornalismo de economia**. São Paulo: Mega Brasil e Call Comunicações, 2005.

SCHUDSON, M. **The power of news**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1995.

TEMMAR, M. ANGERMULLER, J. LEBARON, F. **Les discours de l'économie**. Paris: Curapp-Ess Editions, 2013

UNDURRAGA, Tomas. *Making news, making the economy: technological changes*